



www.joaouxiii.com.br

FALA, JOÃO

Jornal do Colégio João XXIII

Dezembro - 2017

A Mostra Cultural foi um inventário de 2017; ocorrido em uma ensolarada manhã de primavera (11 de novembro), o evento transformou o pátio do Colégio em um grande espaço de trocas interativas, reveladoras do projeto pedagógico do João XXIII. Com 80 trabalhos multidisciplinares, a Mostra reuniu um conjunto de cenários artísticos, com música no ar e frequência de toda a comunidade escolar. Neste ano, os temas da célula ao espaço sideral – esse reinventado por crianças com dentes de leite que advertiam para evitar o contato direto com o sol, recomendando: “cuidado para não cair na lua porque lá tem cratera”.



Foto: Rafael Wilhelm

Da célula ao espaço sideral

2018

MATRÍCULAS
E MENTES
ABERTAS

THE
VIEWS

Conselho e AP têm novas diretorias

O Conselho Deliberante da Fundação Educacional João XXIII tem nova diretoria. Laura Maria da Conceição Eifler Silva foi reeleita para mais um período. Para ela, a solução adotada representa um espelho da comunidade escolar. “Na eleição passada, tivemos duas chapas e a vencedora ganhou por um voto apenas. Isso sinaliza a existência de pensamentos diversos dentro do Conselho e sua diretoria precisa refletir essa diferença”, opinou. A composição da diretoria 2018/2019 resultou de um debate maduro desenvolvido ao longo de duas plenárias.

Aprovada por unanimidade, a chapa única, liderada por Laura¹, é composta por José Alencar Lummertz², vice-presidente e atual Diretor Financeiro; Aline Carraro Portanova³, Diretora Jurídica; Alexandre Ozorio Kloppenburg⁴, Diretor de Obras e Patrimônio; Andrea Tabajara Bichinho Trajano⁵, Diretora Financeira; e João Batista Santafé Aguiar⁶, Diretor de Comunicação. Elei-



ta durante reunião extraordinária de 31 de outubro, terá mandato de dois anos, assumindo em janeiro de 2018.

Também a Associação dos Professores do João XXIII

(APJ) renovou-se em 27 de setembro de 2017. Formado por professores de todas as etapas escolares, o grupo é representado por Rosane Rodriguez⁷, Thais Meditsch⁸, Estevão Gre-

zeli⁹, Clara Coelho¹⁰, Artur Bergelt¹¹ e Rogério Carriconde¹². Com um mandato de dois anos, a Diretoria está comprometida com a representatividade ética e coletiva.



Jornal do Colégio João XXIII

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Presidente: Laura Maria Da C. Eifler Silva
Vice Presidente: José Carlos Monteiro da Conceição
Diretor Financeiro: Jose Alencar Lummertz
Diretor de Obras e Patrimônio: Demétrio Luis Guadagnin
Diretor Jurídico: Candice Orlandin Premaor Gullo
Diretor de Comunicação: Edgar Da Silva Aristimunho

INSTITUTO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Diretora Geral: Anelori Lange
Vice-Diretora: Maria Tereza Coelho
Jornalista Responsável: Rosina Duarte
Assessoria de Imprensa e Colaboração: Luana Dalzotto Castro Alves
Diagramação e editoração: Patrick de Medeiros
Revisora: Carmen Lucia Pacheco de Araújo
Fotos: Audiovisual João XXIII

Todos remam juntos no barco do Planejamento Estratégico

“O Planejamento Estratégico é como um barco. Todos devem remar juntos e na mesma direção”. A imagem usada pela presidente do Conselho Deliberante da Fundação Educacional João XXIII, Laura Eifler, torna mais fácil a compreensão do minucioso processo de repensar a Escola – ponto por ponto, passo a passo – nos seus mínimos detalhes. Para Laura, trata-se de “uma oportunidade de se olhar no espelho, de criar um debate entre funcionários, equipe pedagógica e pais, desenvolvendo ações conjuntas e pontes”.

Na prática, uma das principais estratégias do PE – que iniciou em 2016 e, em junho de 2017, passou a ser executado – foi a criação de 13 comitês, com

representantes de todos os setores da comunidade escolar. Desses, 12 são temáticos (Capacitação, Fidelização, Outras fontes, Custos, Comunicação, Qualidade do ensino-aprendizagem, Inovação, Modelo de gestão, Relacionamento socioambiental, Satisfação e qualidade, Filantropia, e Infraestrutura) e um, o **João 20-23**, é o encarregado de monitorar todo o processo. Conforme explica Ricardo Karsten, consultor da Beringer Consulting, os comitês trabalharam em duas frentes: implantação dos indicadores e ações. “Este ciclo deve fechar em 2018. De março a maio será feita a revisão do PE e, depois disso, o resumo ou Gestão à vista”, adianta.



Aos 100 anos Zilah Totta volta a “falar” no João

“Nós não fundamos um colégio, mas uma obra em educação”

Zilah Totta

30/10/1917 - 2017

Zilah Totta fez 100 anos em 30 de outubro de 2017. O verbo no presente é intencional, porque a idealizadora do Colégio João XXIII continua viva na Escola. Prova disso é que a Biblioteca leva seu nome e, brevemente, deverá inaugurar o blog “Conta, Zilah”.

“Eu acreditei”. Esta frase era uma espécie de lema, ou mantra da educadora Zilah Mattos Totta, uma sonhadora realista. Para transformar seus ideais em proposta concreta, desafiou a linha de ensino tecnicista implantado pelo governo militar. Educadora respeitada, com grande capacidade de liderança, chegou a ser se-

cretária estadual de Educação pouco antes do golpe de 1964. Entretanto, devido à ousadia de suas ideias, acabou demitida do cargo. Longe de abatê-la, o fato estimulou-a a buscar parceiros para a criação do Colégio João XXIII.

Tirar um sonho do papel é uma tarefa desafiadora, tornou-se ainda mais difícil concretizá-lo naqueles tempos de violações de Direitos Humanos. Entretanto, Zilah não estava sozinha, ela contava com o apoio de Frederico Lamachia Filho, Lília Rodrigues e Leda Freitas. Juntos, eles conceberam uma escola que trouxe os gens da liberdade e da consci-

ência crítica em seu DNA. Sem falsa modéstia, como era seu costume, Zilah resumia: “Nós não fundamos um colégio, mas uma obra em educação”.

No ano do seu centenário, portanto, nada mais justo do que se inspirar nela para criar um espaço em que fluam livres as ideias de pensadores de todas as épocas e pontos do mundo: o novo blog da biblioteca, batizado “Conta Zilah”. “É como se a própria Zilah contasse o que acontece na morada dos livros e convidasse os alunos e a comunidade escolar para entrar. “O blog surge da necessidade de falar sobre os projetos desenvolvidos aqui; mostrar as

lindas contações de histórias que acontecem em suas tardes; informar sobre as novas aquisições de livros, filmes e revistas; falar de literatura, arte e conhecimento. A biblioteca do Colégio está sempre em movimento, é viva, e tem um nome: ZilahTotta”, explica a bibliotecária Eliane Santa Brígida, autora do projeto, com identidade visual desenvolvida pelo designer Patrick de Medeiros. Sendo assim, “Conta, Zilah” é uma homenagem não apenas à fundadora, mas aos valores defendidos por ela.





Handebol e Futsal sobem ao pódio



A coleção dos troféus esportivos do Colégio João XXIII cresceu em novembro. As equipes mirins de Handebol e Futsal conquistaram, respectivamente, o 1º lugar nos “Jogos Abertos de Porto Alegre” e o ouro na “X Taça Escolar de Futsal”. Treinados pelo professor Sérgio Ricardo Santos Junior, os meninos do Handebol mantiveram a tradição exitosa do Handebol (veja lista nesta edição). Em 2017, o título veio com a vitória na partida contra o Colégio Farrroupilha, no dia 11 de novembro, na final do campeonato realizado, anualmente, pela Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME). Apenas cinco dias depois, foi a vez da equipe de Futsal – treinada pelo professor Marcelo Pereira – erguer o troféu, após vencer o Colégio Santa Doroteia, nas quadras do Colégio São João. Ainda neste ano, o João participou de um movimento de estímulo do Handebol Escolar: a primeira Liga Ouro de Handebol Escolar, que reuniu os estabelecimentos de ensino Farrroupilha, Marista Ipanema, Colégio Militar de Porto Alegre, La Salle Dores, La Salle Canoas, Anchieta, Champagnat, Sinodal Salvador e Bom Conselho. A primeira edição contou com três categorias – Mirim, Infantil e Cadete – nos naipes masculino e feminino. Na categoria Mirim, foi priorizado um formato de jogo em que a classificação é deixada em segundo plano, tendo como foco o incentivo à participação do maior número de atletas.



Festa do Esporte nos Jogos Interséries

Os Jogos Interséries são a grande festa anual dos esportes no João. Realizados pelas equipes de Educação Física, Pedagógica e Direção, aconteceram em duas etapas no ano de 2017. Do dia 23 ao dia 26 de setembro entraram

em quadra os alunos do 9º ao Ensino Médio e, nos dias 5 a 7 de outubro, os atletas do 6º ao 8º anos. A atividade tem como objetivo a participação, o envolvimento, a união e a socialização dos alunos, que podem colocar

em prática alguns dos aspectos trabalhados nas aulas de Educação Física. Mesmo quem não pratica esportes pode participar. Neste ano, por exemplo, uma equipe de fotógrafos esportivos documentou o evento.

Receita de sucesso

Adrenalina, corpo saudável, euforia da vitória ou frustração da derrota são os ingredientes mais conhecidos da atividade esportiva; mas não os únicos. “É fundamental para a formação, as questões de superação; a percepção dos próprios limites, assim como o dos seus companheiros e adversários; o compromisso com um grupo; o pertencimento; o desenvolvimento de tolerância; a frustração; a socialização; e os hábitos saudáveis”, chama a atenção o professor de Handebol Sérgio Santos. Marcelo Pereira, responsável pelo Futsal, concorda e acrescenta a importância do processo e não apenas da performance dos atletas: “Os alunos precisam fazer um caminho para o entendimento. Se ganhou, por que ganhou? Se perdeu, por que perdeu?”

Marcelo costuma repetir uma frase-mantra para os integrantes da sua equipe: “Não posso jogar para treinar. Tenho que treinar para jogar”. Esse preceito sintetiza o caminho dos atletas rumo à conquista, envolvendo uma gama de aprendizados, entre eles, o esforço para atingir um objetivo, a valorização do grupo, a confiança no colega, o comprometimento, a ética, o respeito, o intercâmbio com outras turmas e o convívio dos mais novos com

os mais velhos. As mentes se abrem para novas realidades, garante.

E a competição onde fica? “Nas aulas de Educação Física e nos Jogos Interséries, trabalhamos com atividades de competição. O problema está em que significado damos para a competição. Pautamos sempre no *Fair Play*, no respeito e nos valores positivos. Nossos alunos apresentam uma boa relação com a competição”, explica Sérgio. “A competição existe, é inerente. O Vestibular e o Enem, por exemplo, são competitivos. Por meio dela, crianças e adolescentes que convivem cada vez menos com a frustração, compreendem que tudo se trata de aprendizagem”. É preciso investir para conquistar, ensina. Entretanto esclarece: “Não fomentamos as performances: quem é mais ágil, mais rápido, mais hábil? Isso não”.

Para os dois professores, o Handebol e o Futsal representam bem mais do que duas modalidades. “Na minha vida foi uma das coisas mais importantes que aconteceu, conheci minha esposa nos treinos de Handebol e também grande parte dos meus melhores amigos. Foi também o que me motivou a estudar Educação Física e a razão pela qual fui contratado por esta Escola em 2003. O Handebol é, na minha opinião, um dos melhores esportes, pois trabalha muitas valências físicas, com grande possibilidade para a criação e ao mesmo tempo com muitas possibilidades táticas coletivas, sendo de fácil apropriação pelos alunos”.

Embora, em seu tempo de estudante, Marcelo sonhasse em ser preparador físico,

Galeria de troféus FUTSAL

Ano	Competição
2007	Campeão do Escolar da FGFS
2009	Campeão do Escolar da FGFS
2009	Campeão Liga Escolar
2011	Campeão Taça Escolar Série Ouro
2015	Campeão Taça Escolar Série Prata
2016	Vice-Campeão Taça Escolar Série Ouro
2017	Campeão Taça escolar Série bronze



ele hoje não trocaria a profissão de professor por nada. Marcelo descreve um sonho: ver o Futsal se tornar um esporte Olímpico e assistir a pelo menos um de seus alunos subir ao pódio de uma Olimpíada. Na contramão de quem rotula a juventude como “gurizada de apartamento viciada em computador”, ele aponta a quadra do Ginásio de Esportes: “Olha só. Está cheia. Eles aproveitam os horários de intervalo para jogar”.

Mas nem só de jogos vive a Educação Física do Colégio João XXIII. Uma equipe de professores desenvolve múltiplas atividades capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento dos alunos. “A Educação Física contempla o universo das atividades do corpo enquanto organismo e simbolismo, saúde e linguagem. Leva em consideração as dimensões físicas, intelectuais, afetivas e sociais do indivíduo em sua singularidade e articulação coletiva nas ações que propiciam o desenvolvimento na totalidade do humano frente à sua corporeidade. Entende a concepção do homem como práxis, numa dialética com a sociedade de modo intencional e comprometida para um desenvolvimento cultural, educacional e transformador. Acentua-se, nesta proposta, um constante processo de humanização, estimulando as potencialidades e as habilidades individuais e sociais, além de visar a uma postura responsável e crítica frente ao processo de construção de identidade e de aprendizagem”, resume o professor Rogério Bohns.

Galeria de troféus HANDEBOL

Ano	Competição	Categoria	Classif
2006	Copa Maldonado Punta del Este	Sub 13 fem	3º
2006	Copa Maldonado Punta del Este	Sub 15 fem	2º
2006	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil fem	1º
2007	Copa Integração Uruguai Brasil	sub 16 feminino	1º
2007	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete feminino	2º
2007	School Games	Juvenil feminino	2º
2008	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mini feminino	1º
2008	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil feminino	2º
2009	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mirim feminino	1º
2009	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil feminino	1º
2009	Olimpíadas Escolares SESC	Mirim feminino	1º e 2º
2009	Campeonato Municipal de Porto Alegre	Adulto feminino	2º
2009	Copa 45 anos João XXIII de Handebol	Infantil feminino	1º
2010	Campeonato Municipal de Porto Alegre	Adulto feminino	3º
2010	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mini feminino	2º
2010	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil feminino	2º
2010	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete feminino	3º
2010	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil feminino	3º
2010	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil masculino	2º
2011	Cergs	12/14 anos masculino	1º
2011	Representação do RS Olimpíadas Escolares- João Pessoa/Paraíba	12/14 anos masculino	-
2011	Campeonato Estadual de Handebol (clubes)	Infantil masculino	2º
2011	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil feminino	3º
2011	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete feminino	1º
2011	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil masculino	1º
2012	Dia do Handebol Novo Hamburgo	Mirim feminino	2º
2012	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mini feminino	1º
2012	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil feminino	3º
2012	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete feminino	2º
2012	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil Masculino	3º
2012	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete masculino	1º
2013	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete feminino	2º
2013	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil feminino	2º
2013	Jogos Abertos de Porto Alegre	Cadete masculino	1º
2013	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil masculino	2º
2013	Taça Anchieta	Cadete feminino	1º
2014	Jogos Abertos de Porto Alegre	Juvenil masculino	2º
2014	Copa Paquetá	Juvenil masculino	2º
2016	Taça Anchieta	Infantil masculino	2º
2016	Taça Anchieta	Mirim feminino	3º
2017	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mirim masculino	1º
2017	Jogos Abertos de Porto Alegre	Mirim feminino	3º
2017	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil masculino	4º
2017	Jogos Abertos de Porto Alegre	Infantil feminino	4º



Música e solidariedade

Engana-se quem define o Festival de Música do Colégio João XXIII como uma espécie de show de talento estudantil. É verdade que existe uma classificação e um troféu ao final, mas os alunos voam acima da competição. Prova disso: muitos cantores e instrumentistas voltam ao palco para acompanhar seus colegas de escola. Quando alguém vacila, desafina ou esquece a letra, os aplausos são ainda maiores. Assim, o Festival sempre vira festa solidária sem choro ao final.

Em 2017, as apresentações foram ecléticas. Os 31 participantes – divididos nas faixas

Infantil, Infanto-juvenil e Juvenil – foram de Elvis Presley a Titãs, passando por Nina Simone e composições próprias dos alunos. Teve banquinho e violão, rock pesado, trios, bandas, músicas instrumentais e vozes à capela, atendendo a todos os gostos dos presentes, que lotaram o pátio da Escola no dia 24 de outubro. O evento começou às 19h e estendeu-se até as 22h30min, mas poucos arredaram o pé.

O Festival já virou tradição no Colégio, que desde sua criação incentiva a música como ferramenta pedagógica indispensável na formação dos alunos. O evento foi organi-

zado pela equipe de coordenadoras pedagógicas e pelos professores de música Marcello Soares, Bob Bopsin, Ana Maestri, Mateus Chaves e Estêvão Grezeli.

Na última edição, o júri contou com a participação de Daniela Dutra, professora de Arte Cênica do Colégio; Leonardo Loureiro Winter, pai de aluno, flautista da OSPA e professor de Música; Caroline Abreu, mãe da aluna e professora de Música da UFRGS; Harvey Marques, pai de aluna e músico da banda “Nenhum de Nós”; e Jorge Hugo Souza Gomes, pai de aluna e músico da banda Jottagá & Fróide, e do espetáculo dos Beatles “The Besouros”. O jurado Jorge Hugo Souza Gomes - músico profissional e pai de Geórgia Alba Souza Gomes, do 1º ano do Ensino Fundamental - considera a prática da música na escola “uma oportunidade de convivência social e um instrumento de educação lúdica capaz de estimular a sensibilidade, a disciplina, a dedicação e os próprios limites”.

Na plateia, os pais, mães, avós e madrinhas não cabiam em si de tanto orgulho. Entre eles, lá estava o trio ABC, como divertidamente se auto apelidaram Susana Schmitz, Caren de Mello e Cristiane Abarno. Ex-alunas do João, elas estudaram o último ano nos terceiros A, B e C, respectivamente. Hoje seus filhos João Pedro (1ª C), Roberta (9º E) e Maria Eduarda (1ª F) continuam fazendo parte da comunidade do João. “Pena que naquela época não tinha Festival de Música”, lamentou Caren. E acrescentou, rindo: “Se bem que pensando no meu talento...”; “Mesmo assim, a gente adorava cantar”, consolou Susana.

Premiados Edição de 2017

FAIXA JUVENIL

Composição original:

1º lugar: Sirena, da Eclipse
2º lugar: “A Immigrant from Nowhere”, de Raphael Mayer

Solo cover

1º lugar: Ricardo Orsatto
2º lugar: João Pedro Dias

Banda cover

1º lugar: Rainha da Caxirola
2º lugar: Glasses

FAIXA INFANTO-JUVENIL

Solo cover

1º lugar: Emily Conte
2º lugar: Clara Barracat

Banda cover

1º lugar: Banda Larga
2º lugar: Um Dedo no Mamão

FAIXA INFANTIL

1º lugar: The Girls
2º lugar: Oração

*Também foram premiados a aluna Anna Beatriz Taborda, na categoria intérprete solo infantil; Lucas Kolpke, na categoria composição instrumental original na Faixa Infantil e a banda 8A Musical, na categoria composição original faixa infantojuvenil.



Imagem p. 7: Audiovisual João XXIII e Cartazes dos Alunos



João XXIII, uma escola de cinema

“Convido a todos para assistir aos curtas com a consciência de que foram baseados em contos escritos décadas atrás. Mesmo assim, por registrarem em suas narrativas casos de opressão, repressão e hipocrisia, além da estranheza dos valores tradicionais, são extremamente atuais e importantes neste nosso cenário nacional. Devemos dar-nos conta da relevância de um projeto como esse, realizado em ambiente escolar. Um projeto que valoriza a arte e, acima de tudo, a liberdade em produzi-la. (...) Hoje, precisamos ensinar e aprender que a arte deve ser livre e tem que ser pública.”

Esse foi o inspirado convite feito por Pedro Nunes, aluno da 3ª série C do EM e apresentador – junto com Mariana Fachinello, aluna da 3ª série A do EM – para a 15ª Mostra de Curtas, desenvolvida por meio do projeto “João XXIII - Uma escola de Cinema”. Essa edição histórica, ocorrida no Ginásio de Esportes em 17 de outubro, contou com nove concorrentes, todos eles realizados e protagonizados

pelos estudantes da 1ª série do Ensino Médio. Por quatro horas, o Ginásio virou uma grande e lotada sala de cinema.

Seis disciplinas se envolvem no projeto: Língua Portuguesa, Literatura, Redação, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Arte. “Ainda que seja uma noite de premiação, o fundamental para a Escola são os processos de aprendizagens envolvidos na proposta pedagógica que promovem, além do lado lúdico, o despertar multidisciplinar relacionado a diversas áreas do conhecimento e à capacidade de mobilização em torno de um mesmo objetivo”, considera o professor de Literatura, Ibirá Costa.

Mesmo assim, uma equipe profissional é convidada para fazer parte da mesa julgadora e escolher quem leva para casa os troféus “Juanito”. Neste ano, o júri foi composto pelo cineasta Jorge Furtado e a produtora Eleonora Furtado (pais de Alice Furtado, 3ª série C); a professora de Arte Cênica do Colé-

gio, Daniela Dutra; o designer gráfico, publicitário e integrante do grupo de Comunicação da Escola, Patrick de Medeiros; o roteirista, Rodrigo Schuster; a produtora executiva de filmes, Priscila Guerra; e o ex-aluno, ator e pesquisador de cinema, João Francisco Milani de S. Castro. “Fiquei muito feliz em voltar como jurado – ao lado de nomes incríveis do cinema local – no Festival de Curtas do meu Colégio, projeto com o qual me envolvi mais de uma vez enquanto estudava no João XXIII e sempre gostei muito. O Festival é um das principais razões do João ser diferente e criar vínculos tão bons com os ex-alunos. É também o motivo do enorme carinho que sinto pela Escola”, comemorou João Francisco.

Durante a Mostra de Curtas 2017, ocorreu uma exposição comemorativa aos 15 anos do projeto que desde 2002 é desenvolvido no Ensino Médio. Nesses anos já foram produzidos e apresentados pelos 148 filmes, todos eles baseados em contos da Literatura.

Premiados da 15ª Mostra de Curtas:

3º melhor filme Júri Oficial:

O colar de diamantes

2º melhor filme Júri Oficial:

A casa de bonecas

Melhor filme Júri Oficial:

Pai contra mãe

Melhor roteiro:

A casa de bonecas

Melhor fotografia e arte:

Antes do baile verde

Melhor trilha sonora:

A galinha degolada

2º melhor filme Júri Popular:

Orton: o passeio noturno

Melhor filme Júri Popular:

Pai contra mãe

Melhor atriz:

Isabela Menuzzi

Melhor ator:

Mateus Aristimunho

Melhor filme Júri Oficial:

Pai contra mãe



Mostra Cultural revela o corpo e a alma do João

Se alguém quer conhecer o corpo e a alma do João, precisa visitar a sua Mostra Cultural. Na ocasião, o Colégio se enfeita, canta, reúne, relembra, comemora. Impossível não compreender ou ficar indiferente.

Os 80 projetos em exposição foram planejados pelas coordenadoras pedagógicas Márcia Elisa Valiati (Educação Infantil), Ianne Ely Godoy Vieira (1º ao 5º Ensino Fundamental), Rosa Maria Limongi Ely (6º, 7º e 8º do Ensino Fundamental) e Mirian Zambonato (9º Ensino Fundamental e Ensino Médio), junto com os professores e alunos da Escola. A maioria constitui trabalhos coletivos envolvendo mais de uma disciplina e diversas áreas do saber.

Durante a Mostra, os projetos se espalhavam pelo pátio, sob as árvores que crescem em

abundância na área escolar. Diversas salas também abrigavam exposições e apresentações. Era preciso fôlego para percorrer o evento inteiro sem arfar. Por isso, foram montados recantos com sofás, cadeiras confortáveis, almofadas e até cafezinho, além de mesas de jogos para que os pais pudessem brincar com as crianças. Todos os funcionários se envolvem, seja na montagem/manutenção, na administração ou na segurança. É a festa do ano, mas com muito suor.

Já na portaria, os sorrisos calorosos de Luciana Rodrigues de Aguiar e Sílvia Rosane Cardoso Braga saudavam os visitantes, enquanto os responsáveis pela segurança organizavam o fluxo de carros que nesse dia era intenso. Passando o portão de entrada, porém,

Mais do que uma exposição, o evento é uma colcha de cenários.

a primeira cena traduzia serenidade: crianças do 2º ano praticavam yoga sob um caramanchão florido. Festa para as abelhas do recém inaugurado Meliponário, instalado ao lado da Biblioteca (ver matéria nesta mesma edição).

Dá para frente, a festa pedagógica se espalhava, misturando arte, música, ciências, tecnologias, oficinas e ações solidárias. Mais do que uma exposição, o evento era uma colcha de cenários. O gazebo central, por exemplo, virou o território

da Educação Infantil, com seus incríveis mundos saídos diretamente da imaginação e recriados com os mais diversos materiais. Uma segunda tenda, montada na lateral do prédio da direção, abrigava os caprichados brinquedos feitos com sucata pela gurizada do Joãozinho Legal. E, como a difusão do conhecimento é estimulada no João, também eram oferecidas oficinas de bilboquê e peteca. Os mais arrojados também podiam construir foguetes instruídos pelas turmas de 9º ano.



Fotos: Rafael Wilhelm



Plantas Alimentícias Não Convencionais (Pancs) cultivadas pelos alunos, um coletor de água desenvolvido por crianças, um inventário verde e até flores comestíveis eram exibidas nas barracas. Tais iniciativas evidenciavam o investimento da Escola em uma educação comprometida com um mundo ecologicamente equilibrado.

Ao longo da Mostra, os visitantes podiam identificar as demais prioridades pedagógicas do João. Apresentações de músicas sonorizaram a manhã, entre elas, as “Cantorias de Jardim” (Nível D da Infantil), “Ecologia Sonora” (9º ano) e “A vida pode ser canção” (6º ano), esta última composta de biografias musicais dos grandes nomes da MPB.

As artes visuais igualmen-

te ocuparam lugar de honra. Mescladas com quase todas as disciplinas, elas deram ao evento uma feição de grande exposição a céu aberto. Diversas paredes – e até as vitraças da Biblioteca – abrigavam as obras dos estudantes. Telas inspiradas no trabalho do pintor Eduardo Vieira da Cunha, por exemplo, saudavam os recém chegados, logo na entrada da Mostra. E todas as etapas, sem exceção, exibiam desenhos, pinturas, esculturas, colagens ou instalações.

Protagonistas absolutos, as crianças e adolescentes eram os principais guias dos visitantes. Eles próprios apresentavam seus trabalhos aos interessados. E, ao fazerem isso, reavivaram o que aprenderam e viveram. Por todas as suas vidas, jamais esquecerão desta manhã.



Foto: Audiovisual João XXIII

Prata e bronze

A Mostra Cultural ganhou gostinho de final de campeonato ao divulgar, em primeira mão, os nomes dos quatro alunos medalhistas na Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (Oba), realizada em maio. Gabriel Stracke Oliveira, Eduardo Castelli Kroth e Rafael Gandolfi Lanzini conquistaram medalha de bronze e Leonardo Batista Capaverde da Silva – que ainda aguarda o resultado da “Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica” e da “Olimpíada Latino Americana de Astronomia e Astronáutica” – recebeu medalha de prata. Dos 36 alunos do João inscritos na Oba, 12 foram escolhidos para representar a Escola. “Ficamos muito orgulhosos. Foi uma prova extensa, de 4 horas, realizada numa sexta-feira à tarde, após uma manhã de provas trimestrais”, aplaude a coordenadora pedagógica Mirian Zambonato. Na sua avaliação, o projeto “Astronomia: Um mundo muito além do nosso planeta”, do 9º ano, é o grande responsável tanto pelo interesse, quanto pelo bom desempenho dos participantes.

Olimpíada de Matemática

Outra conquista importante do Colégio em 2017 foi o desempenho dos seus alunos na Olimpíada Brasileira de Matemática de Escolas Públicas e

Privadas (Obmep). Foram seis menções honrosas conquistadas por Helena Figueiredo Santos Silva e Murilo Fukushima, da 7E; Artur Beineke Correa, 8C; Guilherme Becker De Araujo Santos, 8A; Leonardo Capaverde, 3E e Eduardo Castelli Kroth. Este último ficou em 14º lugar entre os 56 classificados no nível 3.

O incentivo para que o Colégio participasse da Obmep veio do professor Luciano Stropper. Apoiado pela Direção e Coordenação, Luciano disseminou a ideia entre os colegas Cassio Mello, Maria Aparecida Hilzendegeer, Heloísa Barboza, Rosângela Cajal e Bruno Mendes. “Topamos o desafio e mais de 100 alunos entraram na luta conosco. Éramos inexperientes no tipo de disputa e tivemos que conhecer a prova durante a preparação dos estudantes, que só foi possível devido à confiança e ao investimento que recebemos da Direção e das Coordenações”, relatou o professor Cássio. Realizada em duas etapas, a primeira em junho, no próprio João XXIII, e a segunda em setembro, na Ufrgs, a Obmep visa estimular o estudo da Matemática; identificar jovens talentos, incentivando o ingresso em universidades nas áreas científicas e tecnológicas e incentivar o aperfeiçoamento dos professores, contribuindo para a valorização profissional.

Educação Infantil

Fotos p. 10 e 11: Rafael Wilhelm



Universo da Infância

Um universo sideral foi montado pelas crianças da Educação Infantil no refeitório da etapa durante a Mostra Cultural. Foguetes, astronautas, globo terrestre, sol, lua e estrelas compuseram o cenário.

Guardado por um grande vulcão e um jardim de argila e galhos secos – quem sabe calcinados pela erupção vulcânica – o prédio da Educação Infantil também abrigou muitos outros projetos pedagógicos com suas criações surpreendentes, como labirintos feitos com caixas, aviões, castelos, instrumentos musicais, casas de palafita, bichos de sucata, e dinossauros.

O Maternal D, por exemplo, trabalhou com mapas, pois os alunos andavam muito interessados no assunto. E, à medida que o interesse foi crescendo, o foco foi ampliando. As crianças passaram do mapa da cidade para o mapa mundi e, daí para o Planeta Terra. Mas não pararam por aí. “Onde está a lua? Onde está o sol neste mapa?” – indagavam.

A professora Nathalia Cargnin Santos precisou viajar com seus alunos para o espaço e o projeto “Crianças e Mapas: brincando e descobrindo seu lugar no mundo” ganhou forma. Surgiu, então, um foguete grande o bastante para acolher um adulto no seu interior e equipado por aparelhos de comunicação com a Terra. Vieram, a seguir, uma indumentária completa de astronauta e, como não poderia deixar de ser, um sol e uma lua.

O clima espacial do prédio da Infantil, no dia da Mostra Cultural, foi enriquecido, ainda, por um outro projeto da etapa: “Bebês e os encantos da noite”.

Assim como o projeto espacial do Maternal D, muitos dos trabalhos ali expostos eram filhos da insaciável sede de conhecimento das crianças estimuladas pelas histórias lidas e contadas pelas professoras. Os nomes desses projetos eram quase autoexplicativos: “Entre imaginação e curiosidades: as crianças desvendam mistérios e recriam histórias no mundo dos dinossauros”, “Labirintos e outras criações com caixas” (ambos do Maternal F), “Jogos, brincadeiras e rimas: parcerias que se formam, possibilidades que se transformam” (Nível F).

Pequeno para tanta imaginação, o prédio da Infantil abriu suas portas e os trabalhos das crianças expandiram-se para o pátio, em especial para o Gazebo Central. Um caminho de flores, ervas aromáticas e poesias – produzido pelo projeto “Cantorias de Jardim” (Nível D) – unia os dois espaços. Com as invenções infantis – como “Crianças e seus tesouros: enredos permeados de brincadeiras, curiosidades e descobertas através dos mapas” (Maternal H), entre outros (veja matéria “Floresta tropical e iceberg” nesta mesma edição) –, o tradicional toldo branco ganhou as cores do arco-íris.



Esculturas dançantes

A valsa é um novelo pequeno e o samba uma espiral quase esvoaçante. Assim as crianças do Nível J da Infantil moldaram fios de arames enquanto ouviam esses gêneros musicais. Participantes dos projetos “Como o corpo se move?” e “Rampas: entre réguas, bolitas e outros objetos”, elas também ouviam outros ritmos como o rock, este representado com linhas irregulares, quase caóticas. Quando, curiosa, a professora Scheyla Cristina Diniz indagou o motivo da valsa ser tão amassada e pequena, Marina de Matos não hesitou: “É porque dá vontade de dançar apertadinho”. As esculturas de arame eram parte de uma minuciosa investigação sobre o movimento. Antes, fizeram experimentos com diversos objetos de variadas formas colocados em locais com diferentes inclinações. Os alunos também fotografaram jogadores e fizeram a representação dos movimentos observados por meio do desenho e da modelagem em argila.



Floresta Tropical e iceberg

Embora a manhã estivesse ensolarada e amena no dia da Mostra Cultural, o clima oscilou bastante no gazebo central, onde uma floresta tropical fez vizinhança com um iceberg. Cobras, gorilas, chimpanzés e até um urso polar congelado compartilharam o mesmo espaço.

O Nível B, por exemplo, apresentou o projeto “Entre fantasia, pesquisa e criação: animais do mundo”. Para isso, contou a professora Ana Paulo Stoll, os alunos foram divididos em grupos de pesquisa sobre lugares e condições de vida dos seus bichos prediletos. O trabalho se encaminhava para final quando um dos pequeninhos lançou mais um desafio: “Profe a gente tem que estudar o céu porque é de lá que vem a chuva e sem água eles (os animais) não vivem”. E todos trataram de estudar a chuva.

A água – desta vez congelada – também esteve presente no projeto “Narrativas para Ouvir, Ver, Ler, Sentir e Representar: caminho dos sentidos (Maternal B)” que começou com a simples história da Cachinhos Dourados e sua relação conturbada com uma família de ursos pardos. As crianças deram mais importância aos ursos do que à menina e, a partir deles, interessaram-se por seus “primos”, os ursos polares. Descortinou-se um mundo novo e desconhecido para os alunos, relata a professora Clara Coelho. Juntos, eles construíram icebergs e iglus com papel e sacos de plástico; moldaram um pinguim de lata de leite; congelaram um alvo ursinho de pelúcia em um bloco de gelo para depois libertá-lo; brincaram de ganhar filhotes (inclusive os meninos) e reproduziram uma flutuante aurora boreal com papel celofane. Trabalho concluído, uma das crianças aproximou-se de Clara com ares de quem fez uma descoberta e disparou: “Sabe, o pôr do sol é a nossa aurora boreal”.



Foto: Audiovisual João XXIII

João é destaque no Salão Ufrgs Jovem

Um coletor de água da chuva idealizado por crianças de 4 a 6 anos – também responsáveis pela construção de uma maquete completa do Colégio – e um inventário sobre moradias desenvolvido por meninos e meninas do 2º ano do Ensino Fundamental renderam ao Colégio João XXIII duas premiações no “XII Salão Ufrgs Jovem”, categoria destaque. Ambos os trabalhos revelam a proposta da Escola em repassar, desde os primeiros anos, o compromisso com o equilíbrio e a preservação da natureza. Além dos dois premiados, o João selecionou outros 11 projetos.

Equipado com diversos coletores da água da chuva, o Colégio contou com uma ajuda inesperada na hora de instalar um novo equipamento localizado no prédio da Educação Infantil: os alunos do Nível H, participantes do projeto “Brincadeira, pesquisa e invenção: crianças criam um coletor de água da chuva e uma maquete da Escola”. Conforme a professora Luciene Barroso, a turma demarcou todos os coletores já existentes e, nesse processo, acabou montando uma maquete da Escola, contando com a ajuda dos pais. Como custava muito a chover, também fizeram o “Calendário dos dias de chuva”, contou Luciene.

Conforme foi destacado na apresentação do projeto, o trabalho “revela o quanto a educação pode favorecer a aptidão natural das crianças pequenas em buscar compreender, pesquisar e intervir na realidade, elaborando ideias, teorias e projetos que traduzem suas capacidades de observação, análise, descrição, criação, registro, interpretação e avaliação de fatos e fenômenos, elaborando saberes e fazeres que traduzem sua progressiva competência enquanto protagonis-

tas do mundo em que vivem.”

O outro projeto ganhador do Salão – “Era uma casa muito engraçada... quando o estudo sobre moradias revela culturas, imaginação e realidade!” – envolveu alunos do 2º ano do EF. Foi preciso um esforço grande para realizar o inventário, relataram Sofia Maia, da 2H; Alice Vieira, da 2D; e Maria Clara Andersen, da 2F, Maria Eduarda Petersen, da 2B e Gabriel Saldanha da 2F, todos participantes do trabalho. O aprendizado sobre os diferentes tipos de moradias, ruas e bairros revelou uma nova e surpreendente realidade aos meninos e meninas e isso, dizem, “vai servir para nossa vida daqui para frente”.

“Como resultado destaca-se uma compreensão diferenciada das crianças sobre os lugares em que vivem, revelando-se curiosas, reflexivas e inquietas. (...) Pode-se apontar que as marcas de um estudo sistêmico, no caso das crianças, com realidade e fantasia histórico social e com posicionamento ambiental, é capaz de transformar olhares e ações sobre suas casas, ruas e cidades”, é a conclusão do trabalho expressa no banner apresentado durante o Salão.

Realizado entre os dias 16 e 20 de outubro de 2017, no Auditório do Campus Central da Universidade, o “Salão UFRGS Jovem” é uma atividade científico-tecnológico-cultural que promove a interlocução entre os alunos da Educação Básica e da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e a comunidade em geral, a partir da exposição das pesquisas desenvolvidas no ambiente educacional. Dos 1092 trabalhos inscritos na última edição, 410 foram selecionados e 99, premiados.



1º ao 5º ano



Fotos p. 12: Rafael Wilhelm

Cidade das crianças

Ao entrar no prédio da Etapa 1º ao 5º, dá vontade de voltar a ser criança, nas paredes externas existe uma cidade pintada e, mais adiante, elas viram uma galeria de arte com desenhos e pinturas dos alunos. Nos corredores surgem ruas e estradas, carrinhos, mesas de jogos e camarins de fantasias. Além disso, o muro azul e amarelo com uma cena inspirada nos quadros de Van Gogh e uma curiosa escada que não leva a lugar algum. Se em tempos normais esse é o cenário, imagine no dia da Mostra Cultural.

Por ter essa feição ajustada ao foco de interesse das crianças, o prédio é perfeito para abrigar os projetos infantis. Por isso, parte dos trabalhos foram instalados na própria “casa” e nas cercanias, mas outros saíram a “passear” pelo Colégio, em especial pela Sala de Música, quadra verde, proximidades da biblioteca, canti-

na e espaço das bandeiras. Os temas eram os mais diversos, sendo vários relacionados a produções artísticas como o “Arte por toda a parte: artistas e suas obras brincantes” – com um estudo de artistas que revelam, em suas obras, a brincadeira (História e Arte, 1º ano) –, “Estudo de Artista: Eduardo Vieira da Cunha” (História e Arte, 2º ano) e Autorretratos: um 3º ano que você ainda não conhece” (Arte, 3º ano) (veja a matéria ao lado).

Se os estudantes retratam as feições externas de rostos, também se familiarizam com os processos do pensamento lógico na mente humana por meio do projeto “Matemágica: de Pitágoras a Procópio”, explorando jogos, (Matemática, 5º ano). Mergulharam fundo no estudo do organismo por meio do projeto “Corpo Humano: uma máquina complexa, perfeita e organizada” (Ciências, 5º ano). Ao lado de um móbile

com caveiras dançantes, Ana Carolina Martellet (5º E) explicava a função dos ossos com um exemplo certo: “Se não fosse o esqueleto, a gente seria uma minhoca”.

Ainda investigando os mistérios da humanidade, a gurizada pesquisou as culturas dos povos originários e afrodescendentes. A influência da cultura africana foi retratada pelo projeto “África: percorrendo cosmovisões históricas, geográficas, éticas e estéticas para entender a formação do povo gaúcho” (História e Geografia, 5º ano) – teve contação de histórias com Fabiana Souza, bonecas Abayomi, instrumentos musicais e personagens que foram de Mandela a Zumbi, sem esquecer o Negrinho do Pastoreio. Já os primeiros habitantes do Brasil se fizeram presentes no trabalho e “Nosso João um pouco mais indígena com os Jogos Joãodígenas, uma experiência envolvendo jogos da

Copa dos Índios & Oficina de Filtro de Sonhos” (Educação Física e História, 4º ano).

Os indígenas inspiraram, ainda, o projeto “*Native Indigenous: exploring the senses*” (4º ano), de Língua Inglesa, disciplina que produziu outros trabalhos, como: “*Picture dictionary* (1º ano), “*Scrapbooks* (3º ano) e “*Tips for a Healty Life! & WII Sports*” (5º ano). O famoso monstro do Lago Ness subiu à superfície para participar da Mostra. Em “*Loch Ness Monster*” as crianças do 2º ano representaram a temida fera na forma de simpáticos animais coloridos feitos com massa de modelar e instalados em piscinas de pratinhos plásticos.

Com uma proposta curricular diferenciada, as práticas pedagógicas também compareceram à Mostra com seus projetos “Preconceito e discriminação no João? Aqui não!” (Identidade Cidadã, 5º ano) e trabalhos especiais desenvolvidos na: “Ética Digital”, “Artes Cênicas” e “Ideias e Invenções”, todos do 5º ano.



Casinha das Abelhas

Meliponário, esta palavra esquisita entrou no vocabulário dos alunos do João em novembro de 2017, quando o recanto das abelhas sem ferrão foi inaugurado. Em uma época de preocupação pela proliferação da população de abelhas com ferrão e drástica redução dos insetos nativos, a gurizada está aprendendo a cuidá-las.

Troncos de árvores caídos durante o temporal, certa tranquilidade em um recanto protegido dos corredores de passagem e flores, muitas flores – azulzinha, flor de mel, bulbina, calhandra e onda-do-mar – plantadas pelos alunos do 2º ano. Assim foi preparada a “casinha das abelhas”, como ficou conhecida. E isso é tudo de que os insetos necessitam para fazer seus ninhos ou colônias (as colmeias que são a casa das abelhas com ferrão). Para a captura das habitantes das colônias, ocorreram oficinas de iscas durante a mostra.

O trabalho nasceu da parceria entre a responsável pelo Laboratório de Ciências, Juliete Claro – autora de um trabalho de conclusão do curso de Biologia sobre o tema – junto com a bióloga Letícia Troian, mãe do aluno da Educação Infantil.

O meliponário do projeto “SOS abelhas sem ferrão” acolhe duas espécies mansas e com ferrão atrofiado: Jataí e Mirim. No mundo, porém, existem mais de 400 espécies, sendo 244 no Rio Grande do Sul e 24 em Porto Alegre. No folheto, escrito à mão com a letrinha caprichada das crianças, um alerta: “As abelhas sem ferrão estão ameaçadas de desaparecer porque está havendo muito desmatamento, destruindo assim suas colônias”.

Autorretratos e memórias



Fotos p. 13: Audiovisual João XXIII e Rafael Wilhelm

“Quem sou eu?” – qual o ser humano que nunca se fez essa pergunta? E qual a criança que, mesmo sem formular tais palavras, não tropeçou na dúvida? Mesmo depois de adulto, o ser humano carrega pela vida afora este dilema, imortalizado pela frase “Ser ou não ser, eis a questão”, repetida nos palcos do mundo pelo personagem Hamlet, de Shakespeare. Os alunos do João, é claro, não fogem à regra e resolveram responder à questão de forma visual e criativa, ou seja, traçando autorretratos e mapas de memória.

Os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental refletiram muito antes de se aventurarem a desenhar a própria imagem. Eles responderam a um rol de perguntas: Como eu era quando criança? Como é a adolescência para mim? Como eu me vejo nos dias de hoje? Do que eu gosto e do que não gosto? Quais minhas preferências de lazer? Só então, iniciaram o trabalho, que envolveu a reinterpretação em lápis de uma fotografia dos autores sobre fundo colorido com fragmentos dos seus mundos.

Como parte do currículo de Arte, na etapa do 1º ao 5º, ocorreu experiência semelhante por meio do projeto “Autorretrato: um 3º ano que você ainda não conhece”. Enquanto alguns fizeram questão de abraçar o ursinho de pelúcia, outros preferiram apresentar-se com um grande sorvete na mão. Camisetas do time do coração, árvores, flores, borboletas e sofá com tevê tampouco foram esquecidos pelas crianças que trocaram a si e seus mundos. A professora de artes Clarisse Normann, emocionada com o resultado do trabalho durante a Mostra, encantou-se ao receber um longo abraço e uma declaração de uma aluna do 2º ano EF: ‘Ai, profe... só de te olhar já me dá uma vontade de desenhar!’

Ainda na mesma linha, os meninos e meninas do 4º ano idealizaram uma espécie de “cocar de lembranças”, motivados pela obra “Memórias de Índio”, do Daniel Munuruku. A diversidade das imagens provou que, mesmo tendo vivido poucos anos, crianças possuem muitas memórias e, é claro, pródiga imaginação.



6º ao 8º ano

Fotos p. 14 e p. 15: Rafael Wilhelm



Novas formas de aprender

Uma manada de elefantes invadiu a Mostra Cultural. Com o couro do dorso enrugado e abanando as orelhas à brisa da manhã, eles foram feitos de tecido, papel e materiais recicláveis pelos alunos do 7º ano na disciplina de Língua Portuguesa. Alguns eram tão pequenos como gatinhos novos. Outros, tinham a dimensão de um pônei.

O projeto “Um elefante em meu Jardim”, de Língua Portuguesa, foi apenas um dos trabalhos desenvolvidos pela etapa 6º ao 8º. Nas aulas de Arte do 6º ano, por exemplo, surgiu o “Modelando pequenas histórias”, com curiosos móveis feitos de sombrinhas coloridas com esculturas de personagens das histórias infanto-juvenis. Com a criatividade correndo solta pelo pátio, os adolescentes do 6º ano investigaram “Os sólidos de Platão” (Matemática), andaram “Descobrimo o mundo microscópico” (Ciências) e realizaram a “Jornada do sistema solar” (Geografia e Língua Portuguesa). E, ainda, chegaram à conclusão de que “A vida pode ser uma canção” (Música e Língua Portuguesa, 6º ano), além de organizarem o “Chá Literário”, no dia 26 de outubro, resultado da parceria da Língua Portuguesa 6º ano e da Biblioteca, com participação das escritoras Maria Helena Schmitz e Jennifer Castelan.

O 7º ano desvendou uma nova forma de aprender com o “Ambiente Virtual de aprendizagem (Matemática), entrou no túnel do tempo e desembarcou na “Idade Média” (História), além de visitar o mundo shakesperiano na sessão de cinema “Shakespeare Revisited: Clássicos e Contemporâneos (Língua Inglesa), exibida como prévia da Mostra, em 25 de outubro.

A etapa também foi responsável pelo Baile de Máscaras ocorrido em 26 de outubro – que lembrava os Carnavais de Veneza – e anunciou o grande evento do ano. Projeto de Arte e Língua Portuguesa no 7º ano, o baile ocorreu ao pôr do sol, das 18 às 20 horas. Durante a Mostra Cultural propriamente dita os estudantes do 8º despiram as fantasias, transformando-se em pesquisadores, ao se embrenharem “Por dentro do corpo” (Ciências) e em artistas, ao protagonizarem as exposições “Viajando no Improvável” (Artes) e de posters da Práticas Pedagógicas Complementares. Também ensinaram os visitantes que “A vida é Matemática” e relataram o quanto a solidariedade faz bem por meio das fotos de “Um dia especial com as crianças da Creche Boa Esperança” (Práticas Atitudes e Experiências Solidárias, Linguagens e Práticas Sociais).

Adeus Rapunzel

O mês de outubro invadiu novembro no João. E por uma boa causa: ajudar mulheres em tratamento contra o câncer de mama. Assim, a Mostra Cultural reviveu, então, o Outubro Rosa – movimento internacional de sensibilização sobre o assunto – e realizou a campanha de doação de cabelos “Doe a quem precisa” por iniciativa dos alunos do 7º ano vinculados à prática pedagógica “Atitudes e Experiências Solidárias”.

Para incentivar a comunidade escolar a oferecer pelo menos 10 centímetros de fios, um salão de beleza foi montado na sala da coordenação do 6º ano ao Ensino Médio, contando com a presença de cabeleireiro profissionais responsáveis pelos cortes gratuitos das 9 às 11 horas. Rapunzéis de todos gêneros e idades despediram-se de suas madeixas, entregues no dia 29 de novembro pelos próprios autores do projeto e sua professora ao Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (Imama). Lá serão transformadas em perucas e doadas a quem faz quimioterapia.

A aluna Manoela Pont dos Santos, da turma 7E, foi uma das primeiras a enfrentar as tesouras sem qualquer drama de consciência. Ser generosa lhe pareceu bem fácil: “Dez centímetro é pouquinho”. Mas o maior incentivador e divulgador da ideia – além de doador de cabelos – foi Vinicius Castanheda Baptista, 7E. Embora ainda adaptando-se ao novo visual, grande parte dos participantes da campanha afirmavam sentirem-se mais leves por dentro e por fora.





Eterna aprendiz

Inês Souza Mendonça é chamada em família de “eterna criança”. Não por acaso, nasceu no Dia da Criança, 12 de outubro, há 89 anos. Em sua longa e animada vida, gerou 70 descendentes, entre eles a bisneta Nathália Macedo, estudante do Colégio João XXIII. Por isso, Inês compareceu à Mostra Cultural onde circulou durante toda a manhã. Lépida e faceira, de braços dados com a neta Elizângela Soares, não demonstrava fadiga alguma, aceitando sentar em um banco na alameda das buganvilles apenas para tirar foto.

A bisá observava todas as atividades com grande admiração. “No meu tempo de menina, em São Borja, a gente precisava caminhar longe para achar um professor e não tinha nada disso”, recordou. Se Nathália cursasse o 6º ano do EF – e não a 1ª série do EM, como é o caso –, Inês teria participado do “Chá Literário” – que contou com a presença das avós – realizado na biblioteca em 26 de outubro. Entusiasmada pela vida, acompanha a neta e a bisneta em todos os passeios, inclusive na praia. Atitude, aliás, muito coerente com o ensinamento repetido incontáveis vezes para a caudalosa prole: “A gente nunca para de aprender”.



Foto: Audiovisual João XXIII

Longa viagem

“Uma longa viagem começa com um único passo”, dizia um dos cartazes da exposição “Tão longe, tão perto: Um olhar sobre os movimentos migratórios”, organizada pelos alunos do 8º ano. O projeto reuniu as disciplinas de Língua Portuguesa, Geografia e Música, rendendo, inclusive, um livro (veja matéria “Literatura na Veia” nesta mesma edição). Para compor esse painel que incluiu diversas formas de arte e escrita, os estudantes mergulharam fun-

do no tema, envolvendo-se em saídas de campo e entrevistas com diversas pessoas emigradas de seus países de origem.

As turmas do 7º ano, igualmente trabalharam o tema nas disciplinas de Arte, Música e Língua Portuguesa. O resultado do esforço coletivo da meninada e de seus professores pode ser conferido nas salas 305/306, onde estava exposto o projeto “Perdoamos a omissão: exílio e refúgio”. Os imigrantes ainda foram tema de um projeto de Ciências Humanas que envolveu o 9º ano e todas as séries do EM: “O processo civilizador pressupõe o contato com a diferença gerador de humanização. Refugiados em Porto Alegre: acolhimento e cidadania”.

9º ano e Ensino Médio

De bem com a vida



Os projetos apresentados pelo Ensino Médio e 9º ano não deixam dúvidas em relação ao compromisso com os aspectos socioambientais na formação dos estudantes. “Convite ao respeito” (Língua Portuguesa, 9º ano), “Refugiados em Porto Alegre: acolhimento e cidadania” (Ciências Humanas, 9º ano) e “Ecologia Sonora” (Música, 9º ano), por exemplo, tratam da preocupação com o outro e com a natureza. Os adolescentes do João têm oportunidades educativas para estarem de bem com a vida. Não por acaso, incluíram essa expressão no título de dois trabalhos: “Leitura de rótulos: de bem com a vida” (Química, 1ª EM), “De bem com a vida: Água” (Biologia, 9º ano).

Os temas expressaram o foco de interesse dessa faixa etária, ou seja: tudo o que os olhos veem, os ouvidos ouvem e o coração sente. Os esportes, por exemplo, estiveram presentes no “Levantamento quantitativo da rotina do exercício físico e do motivo de sua prática (Educação Física e Língua Portuguesa, 9º ano) e na “Exposição de Fotografias dos Jogos Interséries” (Educação Física, 3EM). A alimentação e a saúde tampouco poderiam faltar em uma faixa etária em plena idade de crescimento: “Natureza doce (Química 9º ano), “Química dos alimentos” (Química 1ª EM) e Cardápio Termoquímico (Química 3ª EM). A curiosidade de quem descobre o

mundo a cada dia, e se prepara para um dos maiores desafios de suas vidas – Vestibular e Enem – desvendou, ainda, os “Motores de Indução” (Física, 3ª EM), “Revelando o Invisível” (Biologia, 3ª EM). Mas, como não poderia deixar de ser, a rebeldia se fez presente ao questionarem: “Física: pra quê eu vou usar isso?” (Física, 1ª EM). Os alunos do 9º ano e do Ensino Médio não esqueceram do merecido descanso de final de ano ao apresentarem o projeto “Férias Inteligentes” (Língua Inglesa). Por meio deles, quem visitava a Mostra se sentia acolhido ao se deparar com o nome do trabalho desenvolvido na disciplina de Língua Espanhola pela 1ª EM: “Mi casa, su casa”.



MOSTRA CULTURAL 2017



Foto: Audiovisual João XXIII

Joãomundi

Uma mini Organização das Nações Unidas (ONU) foi montada no Colégio João XXIII entre 26 e 30 de outubro. Batizadas de “Joãomundi”, as plenárias se espelharam na participação dos alunos da 3ª série do Ensino Médio no “Ufrgsmundi”, projeto organizado por estudantes de graduação, que simula as negociações da ONU. A Escola sempre envia representantes para esta atividade e, em 2017, os participantes foram Augusto Leal de Britto Velho, Felipe Alves, Felipe Samuel e Leonardo Gandolfi. “É uma forma brilhante de unir a teoria à prática”, opina Augusto, da 3ª A. Discussões, debates, negociações, colocações, réplicas e tréplicas, sobre questões mundiais, mobilizam os participantes, que se empenham em questionar, transformar e melhorar a realidade. “É interessante trazer esta atividade para a Escola, porque ela se assemelha à política representativa e é uma forma bacana de colocar o aluno em uma posição de defesa da população”, considera Augusto. Para dar mais veracidade às plenárias, a gurizada criou uma agência de notícias que simulou, em “tempo real”, fatos

mundiais, como um ataque terrorista na Turquia. Orientados pelo professor de Geografia, Artur Bergelt, os estudantes que participaram do “Ufrgsmundi” fizeram o papel de delegados das assembleias. Cada turma representou um órgão ou organização. A 3ª A foi o Conselho de Direitos Humanos (CDH); a 3ª C tomou o lugar do Alto Comissariado para Refugiados (ACNUR); e a 3ª E assumiu a Assembleia para o Meio Ambiente (ANUMA). Por intermédio da ex-aluna Vitória Rodriguez – graduanda do curso de Relações Internacionais e uma das organizadoras do “Ufrgsmundi” –, os estudantes tiveram acesso ao guia de estudos do evento e às cartas confidenciais destinadas aos delegados. “Foi um trabalho fabuloso porque eles realmente se envolveram. Deu para ver como podem fazer algo sem a mediação do professor e, mesmo sem ter uma orientação mais específica, realizam o trabalho com maestria. Os alunos do João construíram documentos finais muito interessantes, que em breve estarão disponíveis para a comunidade”, avaliou o professor Artur.



Overdose Lírica

Na Farmácia Literária do 9º ano, o único problema de saúde sem remédio é a overdose lírica. Espaço organizado logo na entrada do ambulatório da Escola, o projeto reproduziu uma botica de antigamente, identificado com letras floreadas e frascos de medicamentos coloridos.

Ali podiam ser encontradas, por exemplo, diversas injeções

nas cores de anil, âmbar e rosa, entre elas a poderosa “Energia” composta basicamente de bom senso. Também disponível, o suplemento Dançol, à base de liberdade de expressão, descoberto por Cecília Bernal (9º C). Ao ler o livro “Overdose Lírica”, de Ella Berthoud e Susan Elderkin – que inspirou a iniciativa na disciplina de Língua Portuguesa– Cecília chegou à conclusão que a falta de liberdade era uma das moléstias mais graves da sociedade e que, muitas vezes, ela era bloqueada pela timidez ou vergonha. “No meu caso, era a vergonha de dançar e por isso fiz o Dançol”

Já sua colega Marina Becker (9º C) decidiu investir na pesquisa de um paliativo contra a influência de pessoas tóxicas: o Desintoxil. E Alice Ferreira, (9º C) mergulhou ainda mais fundo ao criar as pílulas da alegria, ou Happil. “Muitos adolescentes se sentem tristes e deslocados porque o mundo está difícil. Mas eu senti muita paz quando li um poema deste livro e decidi ajudar as almas atormentadas”, diz Alice.





9º ano e Ensino Médio



Arte de diamante

Formas esculpidas em diamante. Essa é a impressão causada pelo projeto “Arquitetando”, do 9º ano, que envolveu as disciplinas de Matemática e Desenho Geométrico. O trabalho começou com singelas três linhas unidas, ou seja: um triângulo. A figura estudada no primeiro trimestre tornou-se a base para criações artísticas da gurizada. Ao longo do ano, somaram-se os quadriláteros e os círculos. Então, a imaginação ganhou asas geométricas.

Ao longo do processo – lembra a professora Maria Aparecida Hilzendeger –, somaram-se novos e inesperados elementos, ou seja, casinhas de passarinhos feitas com material reciclado e doadas pela artista plástica mãe de aluna do 9º ano. Como essas pequenas construções exibiam as mesmas formas da Geometria, acabaram incorporadas ao projeto e ganhando novas cores e adornos gregos e egípcios, aliás, igualmente calçados nas figuras em questão. Na Mostra, lá estavam elas, com suas colunas e arabescos à espera dos inquilinos voadores que, com tanta movimentação, não se atreviam a chegar perto.



Fotos: Audiovisual João XXIII



Lixo luxo

Se depender dos alunos do 9º ano, a sucata dos computadores aposentados vai parar nos dedos, nas orelhas e nos pescoços, em vez de ser levada pelo caminho de coleta. Durante a Mostra Cultural, os estudantes apresentaram o projeto de Língua Inglesa “DIY-

With E-Trash: Novas ideias para o lixo eletrônico”, um criativo mostruário de adornos feitos com este material, como graciosos anéis, brincos e colares montados com teclas de letras e números. Relógios e robôs também foram exibidos no estante do projeto.



Pequenos universos

“Os humanos pensam na vastidão do universo, mas nunca pensam na vastidão das coisas pequenas”, provocou Pedro Pozzobon Menezes (1ª série A do EM) ao apresentar seu trabalho “Biologia Celular: Desvendando a menor unidade da vida” sobre a representação da célula. Ao reproduzirem a estrutura celular em um

quadrado de plástico recheado com gel de cabelo e com microelementos moldados em massinha de modelar ou sucata, Verônica Scapin, Cecília Finger e Tatiana Lahn – da 1ª A – meditaram sobre a relação do imensurável cosmo e da minúscula célula que, apesar de invisível ao olhar, traz um universo em si.

Para não dizer que não falei de flores



Uma barraca florida instalada no pátio da Escola atraía o olhar dos visitantes pela beleza. Mas, em um primeiro momento, não causava surpresa, já que a Mostra Cultural aconteceu em plena Primavera. Entretanto, a curiosidade era grande quando as pessoas descobriam que as lindas flores coloridas eram reservadas para a mesa e não para o vaso.

Os corajosos degustadores podiam escolher entre capuchinhas alaranjadas, bocas-de-leão cor de rosa, dalias vermelhas ou amores-perfeito roxos e amarelos. Também provavam – e a maioria aprovava – pizzas feitas com uma planta apelidada “peixinho de jardim”. “As crianças são muito mais receptivas do que os adultos”, informava a produtora Franciele Bellé – responsável pelo estande –, lembrando que o João XXIII foi a primeira es-

cola onde ela “falou de flores”.

A família Bellé recebeu o convite de Demétrio Guadagnin, pai da Escola. “A ideia que está por trás disso é um conceito profundo e ético de que a diversidade é algo bom. A produção sustentável ultrapassa o debate sobre o orgânico e o ecológico. Ela reforça a economia solidária e a agricultura familiar, colaborando com a biodiversidade. Tem dimensão econômica, social e de saúde, tecendo uma teia de relacionamentos que vão muito além da nutrição”, analisou Demétrio. Por todas essas razões, o João mantém uma feira ecológica dentro da área escolar ao longo de todo o ano escolar. As próprias crianças escolhem e compram os produtos e têm a curiosidade saciada pelos produtores que as orientam sobre alimentação saudável e consumo sustentável.



O João tem literatura na veia. O Colégio realiza anualmente a Feira do Livro a céu aberto – que funciona como uma espécie de prévia da Mostra Cultural – e bate ponto na Feira do Livro de Porto Alegre. Em 2017, foram lançadas duas obras assinadas pelos alunos do Ensino Fundamental: “Literatura de Cordel” (5º ano) e “Poesia e Arte” (2º ano). Os autógrafos ocorreram no espaço Passárgada (em frente ao Memorial do Rio Grande do Sul) e tenda dos autógrafos da Praça da Alfândega.

Resultante de um trabalho interdisciplinar que integrou as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte e História, a prática do cordel vem sendo desenvolvida há dois anos na Escola. O dia da apresentação foi assim descrito pela professora Thaís Meditsch: “A manhã de 15 de novembro foi bem quente. O cordel nos proporcionou fortes emoções. Trabalho lindo das professoras Rosane Rodriguez e Clarisse Normann, mas os grandes protagonistas foram nossos 90 alunos e alunas do 5º ano; com aquela viola de Estêvão

Grezele (professor de música) ao fundo, eles fizeram bonito”. Na ocasião, os autores da obra declamaram: “O cordel é do Nordeste / o cordel é tradição / o cordel é a história do povo / que clama por manifestação”. Para compor os textos e os desenhos com ares de xilogravuras, os autores desenvolveram pesquisas sobre o gênero, incluindo linguagem literária e artística, além do contexto histórico e geográfico que envolve os cordelistas. A obra, porém, é adaptada à realidade local da gurizada gaúcha.

Temas cotidianos também pautam as rimas e ilustrações da obra coletiva do 2º ano. “É um livro que traduz parte das experiências de aprendizagens vivenciadas pelas crianças e professoras. São palavras, temáticas, rimas e ilustrações que revelam a imaginação, a linguagem e as trajetórias (escritora e artística) dos nossos alunos, ganhando novos contornos”, explica a coordenadora peda-

gógica do 1º ao 5º ano, Ianne Ely Godoy Vieira.

Os dois livros autografados na 63ª Feira do Livro de Porto Alegre, porém, não foram os únicos exemplares da Mostra Cultural do João. Nas bancas espalhadas pelo pátio, chamava a atenção a presença de trabalhos literários traduzidos em diversas formas e gêneros. Os fanzines da Idade Média, produzidos pelo 7º ano na disciplina de História, não deixavam dúvidas quanto a criatividade e o interesse da meninada pelos feitos épicos medievais, acentuado nos últimos tempos pelas séries televisivas. Outro zine – elaborado nas aulas de Filosofia, Sociologia e Arte pelo 1º EM – tratava dos mitos, e os scrapbooks (3º ano, Língua Inglesa) resuscitaram uma das mais antigas práticas dos pré-adolescentes: o livro de recortes.

Abordando a dura realidade dos refugiados, o livro “Tão Longe, tão perto” resultou da

leitura da obra “A pequena guerreira”, de Giuseppe Catozella, sobre uma corredora somali (Samia Omar) que participou da Olimpíada de 2008, mas morreu no processo de imigração ilegal, pois esse era o único jeito de voltar a competir em 2012. A obra dos alunos do 8º ano – escrita em primeira pessoa, assim como o livro de Catozella – faz parte de um trabalho mais amplo de pesquisa interdisciplinar sobre o tema (veja matéria “Longa Viagem” nesta mesma edição) e envolveu contato direto dos alunos com imigrantes moradores de Porto Alegre.

Nem toda a produção literária do João, porém, vira livro e conta com um ou mais autores identificados. Por decisão coletiva, a Sociedade dos Poetas vivos é anônima. Os participantes deste projeto, orientado pelo professor Ibirá Costa, de Literatura, consideram que a poesia é mais importante do que os poemas. Assim, se recusam a assinar suas criações. Ao dispensarem o egocentrismo, dizem sentirem-se livres para soltar as palavras.

Literatura na veia